

**PERCURSOS COTIDIANOS ESTÉTICOS E POÉTICOS PELA IMAGEM DA  
CAATINGA**Tacylla Kaline Gomes de Oliveira <sup>1</sup> - UNIVASF**Simpósio: S6. AV.** Reversibilidades estéticas – Meandros entre educação e poéticas nas artes visuais

**RESUMO:** O presente texto trata das investigações ocorridas na Disciplina de Desenho II onde foi realizado um processo artístico cujo estudo das plantas e suas representações tiveram como pressuposto a convivência com o cenário e o bioma Caatinga. Por este viés, pretende-se discorrer sobre como esse trabalho se compôs ao relacionar os artistas pesquisados, as leituras sobre processos em artes visuais e a própria relação do artista com o meio que se relaciona.

**Palavras-chave:** Processo Artístico; Caatinga; Desenho.

**O percurso e o cotidiano da imagem**

Os percursos que fazemos durante nosso cotidiano nos apresentam informações que passam por nós, muitas vezes despercebidas, desde o momento em que nos levantamos pela manhã e damos início aos nossos afazeres ao chegarmos a noite e finalizarmos boa parte de nossas atividades, sempre estamos expostos a uma quantidade significativa de cores, formatos, texturas, sons, entre outros, que não cessam em se apresentar para nós no decorrer de nossa rotina. Baseado nesse emaranhado de elementos ao notar o que acontece a nossa volta, por motivos comuns como pressa, por exemplo, e numa discussão na disciplina de desenho II sobre diversos artistas, fui cativada pelos trabalhos da artista e arquiteta Carla Caffé (KUSCHNIR, 2012) que possui diversas obras incluindo a “*Avenida Paulista*” onde reproduz o percurso dessa avenida localizada em São Paulo. Outra artista que me cativou foi a ilustradora botânica Margaret Mee (MORENO, 2007) que explorou e pintou diversas plantas da região amazônica. De alguma forma a junção do trabalho dessas duas artistas me trouxeram diversos questionamentos sobre o meu percurso cotidiano, que causou a sensação de insatisfação ao pesquisar sobre a botânica da Caatinga e perceber poucos trabalhos que a represente.

Sendo assim, me propus a prestar mais atenção no percurso que faço em minha rotina e me descobri completamente provocada a transformar minhas percepções em um trabalho para meu processo artístico.

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais – UNIVASF E-mail: tacyllakaline@hotmail.com

Em uma breve caminhada do ponto de ônibus até o meu local de trabalho, que fica em uma região rural, tenho a oportunidade de contemplar a vegetação da Caatinga, que se faz presente na região em que vivo. Motivada pelas artistas supracitadas, decidi então produzir um trabalho de desenhos baseados em plantas que encontro nesse percurso, já que a forma como foi construída a imagem da vegetação da Caatinga na arte não contempla a ideia que eu tenho dela, assim penso em transmitir a imagem além da falta de vida, além da visão distorcida que é posta tanto sobre a vegetação quanto sobre o próprio semiárido.

“As imagens de migrantes, de crianças raquíticas, do solo estorricado, dos açudes secos, dos retirantes nas estradas, dos animais mortos, da migração da Asa Branca – essas imagens estão presentes na música de Luís Gonzaga, na pintura de Portinari, na literatura de Graciliano Ramos e na poesia de João Cabral de Mello Neto. É um ponto de vista, ao mesmo tempo, real e ideológico, que muitas vezes serve para que se atribua à natureza problemas políticos, sociais e culturais, historicamente construídos”. (MALVEZZI, 2007, pag. 10)

Devemos antes entender que a vegetação da Caatinga, por conta do clima semiárido, em épocas de seca costuma se apresentar com espinhos e poucas folhas já que costumam desfazer-se quase totalmente das folhas como forma de evitar a perda de água pela evaporação. Mas, quando ocorrem as chuvas, ela se transforma de forma muito rápida, ganhando um aspecto diferente, com árvores cobertas de folhas e pequenas plantas que se espalham pelo chão. Vemos duas estações em que essa vegetação se apresenta: com chuvas e sem chuvas. O período em que produzi o trabalho foi na estação “sem chuvas” ou seja, os desenhos são baseados em plantas dessa vegetação em seu período de seca, onde as plantas estão em sua maioria sem folhas, sem flores. Essa estação sem chuvas traz ainda mais a imagem dessa vegetação esbranquiçada, cinzenta, isso explica o nome caatinga, que é uma expressão indígena para “mata branca”.

### **Percurso estético e poético na construção da imagem da caatinga**

Para produzir os desenhos de algumas das plantas da vegetação da Caatinga que encontrava em meu percurso, tive de me empenhar em observar melhor as características de cada planta, algumas delas só conhecia de ver, sendo assim, busquei informações sobre cada uma daquelas que iria utilizar em meu trabalho, através de um senhor chamado Alberto, morador da zona rural desde nascido, conhecedor de todas aquelas espécies que me interessavam. Com essa ajuda obtive os nomes dessas plantas na forma que as pessoas daquela localidade chamam, pois alguns nomes variam de acordo com a região. Apropriada dessas

informações básicas comecei a produzir os desenhos, utilizando apenas caneta nanquim e papel branco escolhido pra ressaltar o significado da palavra Caatinga, que é “mata branca”. O processo do desenho se fez basicamente na observação das plantas que estavam presentes no meu percurso, estas são: calumbi, caroá, catingueira, catingueira-de-porco, coroa-de-frade, faveleira, jurema preta, pinhão, quipá, mandacaru, umburana e por fim Umbuzeiro. No final como forma de apresentação, coloquei os papéis onde estavam os desenhos em uma caixa pensada dentro do tema.

### O desenho como resultado

Os desenhos foram feitos de observação, cujas representações demonstram uma aproximação com elas. As mesmas foram compostas a partir do olhar e relação que tenho com elas feitas em observação a essas plantas, ou seja, são representações produzidas de acordo com o meu olhar sobre essa vegetação, é importante ressaltar que a diversidade de plantas que existem na vegetação da caatinga é extensa, e que esse trabalho de percurso pela imagem da caatinga traz apenas 12 exemplares.

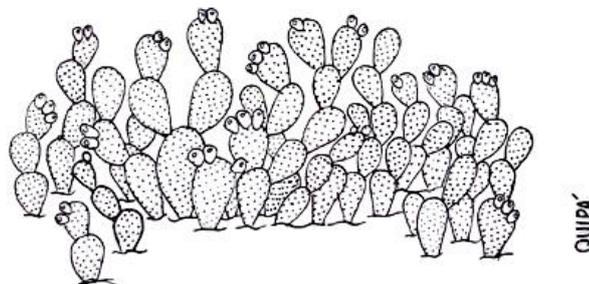


Figura 1 – Quipá

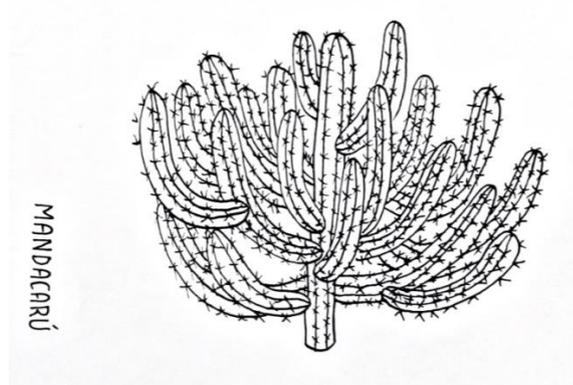


Figura 2 - Desenho de um mandacaru

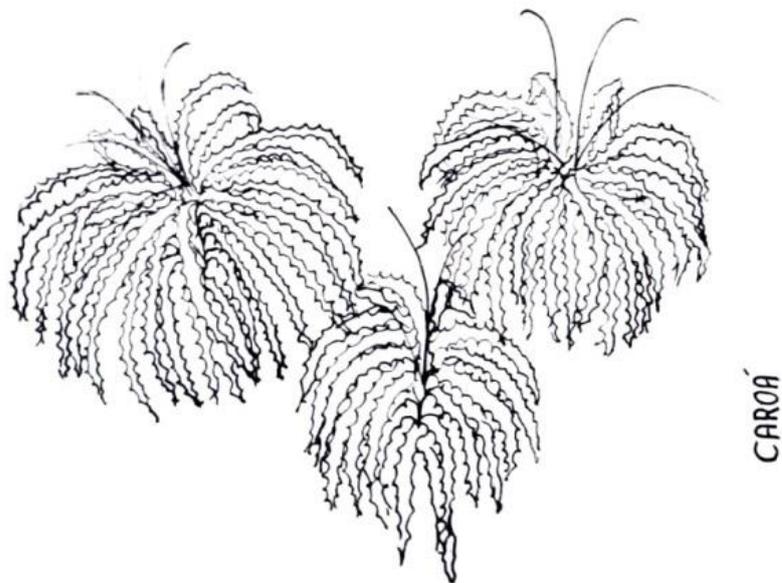


Figura 3 - Caroá



Figura 4 – Umbuzeiro



Figura 5 e 6 - Resultado do processo como desenho no formato de apresentação.

## CONCLUSÃO

Certamente produzir esse trabalho foi uma experiência de crescimento significativa em meu desenvolvimento acadêmico, bem como, compreender como se dá o meu processo artístico, entrar em contato com o bioma da localidade onde vivo aprendendo sobre seus aspectos peculiares, trocar experiências com moradores da região que com todo o seu saber popular e cultural só nos tem a acrescentar, desenvolvi o traço que aplico nos meus desenhos, além de entender essa posição de que pensar arte na Caatinga é um sistema político já que a imagem da região semiárida possui uma cultura tradicional de miséria e atraso que se formam distorcidamente por conta de alguns artistas que levaram nossa cultura para a sociedade com a imagem de fome, tristeza, etc., sendo que na Caatinga encontramos tanta diversidade de animais, plantas. O mais importante é enfatizar que a caatinga não está morta, mas resiste.

## REFERÊNCIAS

- MALVEZZI, Roberto. *Semi-árido - uma visão holística*. Brasília: Confae, Pensar Brasil, 2.ed. Agosto, 2007. 140 p.
- MORENO, Leila Kiyomura. *Jornal USP*, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2004/jusp708/pag0809.htm>>. Acesso em: 08 de Junho. 2018.
- KUSCHNIR, Karina. *Desenhando cidades*, Rio de Janeiro, vol. 2, out./dez., 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-38752012000400295](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752012000400295). Acesso em 08 de Junho de 2018.